



O ENCONTRO INESPERADO DO DIVERSO: A ESCRITA, O EXÍLIO, A CASA

LUCIA CASTELLO BRANCO*

SYLVIE DEBS**

RESUMO O texto convida à reflexão sobre a importância de se fundar, por meio de convênio entre a Universidade Federal de Minas Gerais e o Internacional cities of refuge network – ICORN –, a primeira casa-refúgio para escritores perseguidos, no Brasil. Discutem-se, com base nessa ação, as articulações entre a escrita, o exílio e a casa, procurando pensar a diversidade, no campo da universidade.

PALAVRAS-CHAVE Escrita. Exílio. Casa.

THE UNEXPECTED MEETING OF DIVERSITY: WRITING, EXILE, AND THE HOUSE

ABSTRACT The importance of founding the first house of refuge for persecuted writers in Brazil through a covenant between the Federal University in Minas Gerais and ICORN, taking into account the relationship between writing, exile and the house of refuge focusing on diversity within the university studies is discussed.

KEYWORDS Writing. Exile. House.

* Professora titular em Estudos Literários, pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais

Email: castella.branco@gmail.com

** Professora do Departamento de Informação e Comunicação, Universidade de Estrasburgo.

Email: debs.sylvie@gmail.com

Recebido em 6/12/2015. Aprovado em 20/3/2016.

“Este é um abrigo na orla do bosque.

Metade árvore, metade construção de ramos mortos.”

Maria Gabriela Llansol

Sonhemos com a universidade que queremos. Sonhemos com ela, a universidade pública, mais aberta ao universo que aos universais. Lembremos que o universo – aquele em que supostamente as diferenças coabitam, reunidas em torno de uma unidade, que o “um” vem marcar, para nos apaziguar – é muito mais que o “um”, tratando-se, antes, do “diverso”, ou do que se pode ler nesta bela construção de Maria Gabriela Llansol: “O encontro inesperado do diverso”. Sonhemos, então, com a universidade marcada por esse encontro. E pensemos a diversidade como um primeiro pensamento verdadeiro, que aqui poderíamos tomar como um método para sonhar alto com o universo de nossa cidade universitária: o lugar em que, entre outros encontros, podemos também experimentar o “encontro inesperado do diverso” (Llansol, 1994).

É com esse espírito que pensamos abrigar, na UFMG, a experiência do ICORN, sonhando em abrigarmos aqui, no campus universitário, uma espécie de cidade, abrindo – em meio àquela que já existe (a chamada cidade universitária),– uma cidade-refúgio, como propõe o projeto, uma cidade diversitária, que abrigue, a um só tempo, o encontro e o diverso.

O conceito de cidade-refúgio

¹ Uma fátua é um pronunciamento legal, no Islão, emitido por um especialista em lei religiosa, sobre um assunto específico. Normalmente, uma fátua é emitida a pedido de um indivíduo ou juiz, de modo a esclarecer uma questão onde a jurisprudência islâmica é pouco clara

Em 1989, quando foi derrubado o muro de Berlim, ano em que aconteceu o massacre na Praça da Paz Celestial e em que surgiu a *web* para o grande público, Salman Rushdie foi condenado à morte pela ridícula fátua¹ do aiatolá Khomeini, no Irã, e essa condenação continua em vigência até hoje, como pudemos constatar na Feira do Livro de Frankfurt, de 2015, quando o Ministro da Cultura do Irã cancelou sua participação, em razão da presença do escritor com dupla nacionalidade: indiana e britânica.

Salman Rushdie foi o primeiro escritor da história da humanidade a ser perseguido no mundo inteiro e por um país que nem era seu país de origem. E, se ele escapou à morte, cerca de duas dezenas dos seus leitores, tradutores, editores e livreiros foram, infelizmente, assassinados, por terem-se relacionado de alguma maneira com *Os Versos Satânicos*. Diante desses fatos e dos assassinatos de intelectuais, diretores de jornais, sociólogos, professores de universidade e escritores, na Argélia, no início dos anos 90, o próprio Salman Rushdie, com a assinatura e participação de mais de 350 escritores do mundo, criou, em 1993, em Estrasburgo (França), o Parlamento Internacional de Escritores (IPW), que instituiu o Cities of Asylum Network (INCA).

Salman Rushdie, Wole Soyinka e Vaclav Havel foram presidentes do Parlamento Internacional dos Escritores, e JM Coetzee, Jacques Derrida, Margaret Drabble e Harold Pinter foram membros do conselho. A ideia de criar uma rede de cidades para abrigar escritores ameaçados foi primeiramente acolhida por Barcelona, rapidamente seguida por muitas outras cidades e países, inclusive os Estados Unidos e o México. O IPW foi dissolvido em 2003, mas o esquema permaneceu intacto.

Em 2006, a cidade de Stavanger (Noruega) reestruturou essa rede, criando uma organização internacional de sócios independentes, ICORN (www.icorn.org), oferecendo lares seguros para escritores que podiam, assim, continuar se expressando de maneira livre. Dessa forma, os escritores estariam em segurança, mas não em silêncio. Uma das primeiras escritoras a ser hospedada por ICORN na cidade de Gothenburg, na Suécia (2006-2008), ganhou o Premio Nobel de Literatura em 2015: a jornalista investigativa e escritora bielorrussa Svetlana Alexievitch.

Com o aumento do número de escritores perseguidos, em torno de 800, em 2014, segundo dados do PEN Internacional de Londres (www.pen-international.org), é preciso abrir novos espaços para acolher romancistas, ensaístas, dramaturgos, poetas, blogueiros, editores, tradutores, redatores, jornalistas e caricaturistas ameaçados de morte e tortura. Por essa razão, foi lançado o projeto CABRA (CASas BRAsileiras de Refúgio), no Brasil (<https://cabraredes.wordpress.com>).

O primeiro passo foi dado em 2014, quando uma comissão de trabalho, formada pelo PEN Internacional de Londres, pelo PEN Clube do Brasil, pelo diretor do ICORN, pela fundadora da CABRA e por dois escritores exilados (Irã e Honduras), veio divulgar o conceito do ICORN no Brasil, terra de longa tradição de imigração e de integração

cultural. A defesa da liberdade de expressão, o respeito aos direitos humanos, o exercício da democracia, a tradição de hospitalidade são os valores essenciais que permitem ao Brasil abraçar plenamente essa causa.

Foi assim que esse pequeno grupo chegou à universidade – a Universidade Federal de Minas Gerais –, sonhando encontrar aqui, neste lugar, uma espécie de “abrigo na orla do bosque”: um lugar em que se possa sustentar, em meio às árvores vivas e aos ramos mortos, a defesa da liberdade de expressão, o respeito aos direitos humanos, o exercício da democracia e a hospitalidade.

É curioso pensar que o texto fundador do conceito de cidade-refúgio, de autoria de Jacques Derrida, intitulado “Cosmopolites de tous les pays, encore un effort!”, escrito em 1996 para o primeiro congresso de cidades-refúgio que ocorreu em Estrasburgo, por iniciativa do Parlamento Internacional de Escritores, tenha sido publicado por uma editora universitária, as Éditiones Cuatro, da Universidade de Valladolid, para circular, primeiramente, no contexto universitário e na cidade (Valladolid foi a primeira cidade-refúgio da Espanha), e, posteriormente, pelo mundo.

Sonhemos, então, com uma espécie de retorno a este ponto, fazendo dele uma outra volta: retornar ao ponto em que a cidade esteja contida na universidade e a universidade possa, por sua vez, abrigar a diversidade para devolvê-la ao mundo, de onde ela advém. Esse é o primeiro pensamento que nos faz sonhar, neste momento, com a universidade como uma cidade-refúgio para abrigar o projeto do ICORN.

Para esse sonho, já temos um nome bastante brasileiro: CABRA – CASas BRAsileiras de Refúgio. E, parodiando e ao mesmo tempo homenageando nosso cineasta Eduardo Coutinho, temos gostado de dizer: “Cabra marcada para vingar”. É, pois, ao conceito da CABRA, que reúne as diversas CASas BRAsileiras de Refúgio que pretendemos fundar neste País, que a UFMG se alia. E assim sonhamos em fundar, por meio do pensamento diversitário que a universidade abriga, uma “nova cosmopolítica”, como observa Derrida,

Desde nosso primeiro encontro, nós tínhamos pensado em abrir as cidades-refúgio por todo o mundo. E isso se assemelha bem, de fato, a uma nova cosmopolítica. Nós pensamos em empreender, através do mundo, a proclamação e a instituição de “cidades-refúgio”, numerosas e sobretudo autônomas, tão independentes quanto possível, entre si e dos Estados, mas aliadas entre si por formas de solidariedade a serem inventadas (Derrida, 1997, p. 13).

Trata-se, evidentemente, de uma cosmopolítica que, ao sonhar a autonomia e a multiplicação das cidades-refúgio, terá a chance, no Brasil, de aliar a esse projeto a autonomia e o pensamento universitários, buscando promover uma ação – a ação de uma nova cosmopolítica – no seio da cultura brasileira.

A escrita, o exílio, a casa

Não é difícil admitirmos que o exílio e a escrita mantêm estreitas relações. Afinal, como observa Karl Erik Scholhammer, “o exílio pode ser visto como uma dissidência no seio da linguagem e a estrangeiridade como constitutiva para a criação” (Scholhammer in Vidal, 2004, p. 14). Mas o que dizer da escrita, em sua relação com o exílio, quando este é de fato uma contingência que obriga o sujeito a se reconstituir em outra língua, em outro país, “esquecendo” sua língua e sua cultura de origem?

...que minha língua, as pessoas e o homem sentado, perscrutando os trilhos da estrada de ferro, absorvido no que ninguém saberia. Eles eram. Minha casa, ela estava num lugar que eu procuro ainda. (Fathy, *La Révolution Traverse des Murs*)

Aqui, nesse pequeno trecho do poema “Atravessando muros: a revolução”, de Safaa Fathy, já se trata nitidamente a questão do exílio articulada não só à perda de um território, ou de uma casa, mas sobretudo à perda de uma língua. O que pode haver de mais essencial a um sujeito que uma língua como o lugar, por excelência, de sua subjetividade? Como pensar, por exemplo, a poesia fora da unicidade de uma língua? Para o poeta Paul Celan, ele próprio um “exilado da língua”, é impossível pensar o bilinguismo no campo da poesia: “Não acredito que haja bilinguismo na poesia (...) Poesia – essa é a notável *unicidade* da língua” (Celan, 1996, p. 69).

A poesia, então, sendo do campo da unicidade, como pode abrir-se à diversidade que a experiência do exílio comporta? Talvez se abrindo à experiência de “excentricidade” que o próprio exílio determina: “Estou ao longe, minha voz está muda”, escreve Safaa Fathy, assinalando não só essa excentricidade como sua vocação para o exílio (Fathy, *ibidem*).

Porque, como observa Deleuze, quando se trata de literatura, “o que é interessante ainda é a possibilidade de fazer de sua própria língua, supondo que ela seja única, que

ela seja uma língua maior ou que o tenha sido, um uso menor. Estar *em* sua própria língua como estrangeiro.” (Deleuze, 1977, p. 40-1)

Assim, pode-se pensar que, paradoxalmente, a situação concreta do exílio venha a abrir, para o escritor, no seio de sua língua materna, esse espaço de solidão essencial à literatura, possibilitando-lhe a experiência de “estar *em* sua própria língua como estrangeiro.” Por outro lado, a situação concreta do exílio é justamente aquela que impede o escritor de estar em seu país e “*em* sua própria língua”, destinando-lhe apenas o lugar de “estrangeiro aqui como em toda parte (Álvaro de Campos, 1977, p. 360). Ou, como observa Shoshana Felman, o escritor pode chegar ao extremo de não ter língua materna, sentindo-se “em casa” apenas nas línguas em que escreve, o que significa, talvez, não se sentir bem em língua nenhuma. Ou, nas palavras da autora: “Eu poderia dizer que minha escrita é meu país”. (Felman in Caruth, 2014, p. 350)

É, portanto, em sua condição de “estrangeiro aqui como em toda parte” que o escritor perseguido solicita um refúgio: refúgio na língua e na cultura do outro, que só poderá, por sua vez, de fato acolhê-lo, ao lhe oferecer, na condição de outro, a “hospitalidade pura e incondicional” a que se refere Derrida:

Sem essa ideia de hospitalidade pura [...] não teríamos sequer a ideia do outro, a alteridade do outro, ou seja, de alguém que entra em nossas vidas sem ter sido convidado [...] a hospitalidade incondicional, que não é nem política nem jurídica, ainda assim é condição do político do jurídico. Justamente por essas razões, não estou nem seguro de que seja ético, à medida que não chegue a depender de uma decisão. Mas o que seria da ética sem hospitalidade? (Derrida, 2003, p.137).

É, pois, no espírito dessa “hospitalidade pura e incondicional” que a universidade, acolhendo o diverso a que um encontro se abre, oferece ao escritor a possibilidade de uma casa, em sua cidade-refúgio.

Ora, sabemos, desde o clássico livro de Virginia Woolf, *Um teto todo seu*, o quanto uma casa se constitui em condição de escrita para qualquer escritor. Escrito como uma conferência sobre o tema “As mulheres e a ficção”, esse texto de Woolf termina por desenvolver uma hipótese – a de que as mulheres, historicamente, não se desenvolveram como os homens, no campo da ficção, porque nunca tiveram, de fato, “um teto todo seu” – até chegar à “prosaica conclusão” “de que é necessário ter quinhentas libras por ano e um quarto com fechadura na porta se vocês quiserem escrever ficção ou poesia” (Woolf, 1985, p.137).

Estendendo o pensamento de Virginia Woolf, do campo do feminismo para o campo de uma “hospitalidade pura e incondicional”, como propõe Derrida, podemos pensar que um “teto todo seu” é condição para qualquer escritor e talvez deva se constituir num direito para aqueles que, “estrangeiros aqui como em toda parte”, procuram, entre nós, um refúgio.

Pensar a casa, pois, é também uma das direções que devemos tomar no desenvolvimento desse projeto, pensando, portanto, que nós, da casa – a Universidade Federal de Minas Gerais – possamos nos reencontrar conosco, da CABRA, como “estrangeiros a nós mesmos”, para fundarmos, junto ao ICORN, a primeira casa de refúgio no Brasil.

Sonhemos, então, com essa primeira casa, de onde as futuras casas-refúgio do Brasil poderão nascer. Sonhemos com ela, como uma casa-abrigo na orla do bosque, aberta a outras casas de escrita e leitura, de cultura e poesia, de hospitalidade pura e incondicional. E, no ato de instauração de um convênio a caminho, pensemos também no ato de fundação de uma casa e em tudo o que ela comporta. A partir dessa casa, sonhemos a sua multiplicação, na diversidade de paisagens e de bens culturais que este imenso país comporta. Assim, talvez, evocando mais uma vez as palavras da escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol, possamos enumerá-las:

Como vireis viver aqui, faço-vos o desenho das Casas que vos esperam. Todas elas são Casas da Casa do Pinhal. O núcleo-mãe é a Casa da Reconstituição. Se o *Grande Textuador Desconhecido* vier, virá habitar na Casa da saudação. Os animais moram na casa deles, a Casa dos animais. As árvores, os arbustos, as flores, a erva moram no jardim em volta. A Casa do silêncio é a parte mais recôndita da Casa da Reconstituição. Os pontos cardeais da Casa do Pinhal são guardados por figuras que vos mostrarei. (Llansol, Maria Gabriela. *Os cantores de leitura*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007. p. 105.)

Referências

- CARUTH, Cathy. *Listening to Trauma*. Baltimore: John Hopkins University Press, 2014. P. 320-353: A Ghost in the House of Justice: a conversation with Shoshana Felman.
- CELAN, Paul. *Arte Poética: o Meridiano e outros textos*. Lisboa: Cotovia, 1996.
- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. RJ: Imago, 1977.
- DERRIDA, Jacques. *Cosmopolites de tous les pays, encore un effort!* Paris: Galilée, 1997.
- DERRIDA, Jacques. *Filosofia em Tempo de Terror. Diálogos com Habermas e Derrida*. BORRADORI, Giovanna (Org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- FATHY, Safaa. *La Révolution traverse des murs*. [Atravessando Muros: a Revolução. Tradução de Fernando Santoro. Inédito]
- LLANSOL, Maria Gabriela. *Lisboaleipzig 1: o encontro inesperado do diverso*. Lisboa: Rolim, 1994.
- LLANSOL, Maria Gabriela. *Os Cantores de Leitura*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007.
- PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. RJ: Nova Aguilar, 1977. P. 360: "Lisbon Revisited". Poema de Álvaro de Campos [1926].
- VIDAL, Paloma. *A História em Seus Restos: literatura e exílio no cone sul*. SP: AnnaBlume, 2004. P. 13-15: Prefácio de Karl Erik Shollhammer.
- WOOLF, Virginia. *Um Teto Todo Seu*. RJ: Nova Fronteira, 1985.

